Martinez de Hoz e Gustavo Franco

Ives Gandra da Silva Martins

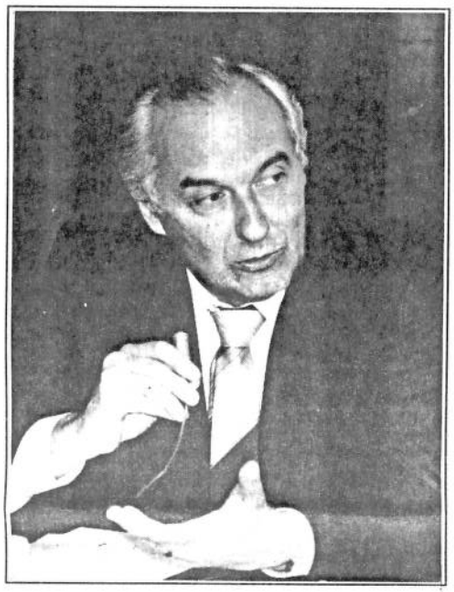
Martinez de Hoz foi ministro da Economia da Argentina no fim da década de 70, tendo sido nomeado pelo Governo do General Videla para estancar a inflação acelerada naquela República, ao final do deposto governo de Isabelita Perón.

Considerando a estabilidade da moeda como elemento fundamental e a abertura econômica a conseqüência natural do processo de estabilização, abriu as fronteiras do país para a mais desenvolvida indústria dos outros países e, com uma política de juros elevados, buscou a atração de capitais externos, quase todos de natureza especulativa, o que levou os argentinos a chamarem seu país de a "pátria financeira".

O resultado da política desastrosa daquele ministro foi o sucateamento do parque industrial argentino, incapaz de concorrer com o dos países mais desenvolvidos, de tal forma que a Argentina perdeu mercado externo, com a queda das exportações, e mercado interno para os produtos estrangeiros.

Do desastre empresarial do fim da década, a Argentina só se recuperou com o Mercosul, em que, graças ao Brasil, passou a exportar para seu vizinho, com tarifas aduaneiras zeradas, salvo algumas exceções, além de gozar de vantagens de uma carga tributária interna menor (15% sobre o PIB contra a projeção de 33% do Brasil para 1998), encargos sociais menores (60% sobre a mão-de-obra contra 102% do Brasil) e carga tributária não cumulativa (suas exportações sofrem incidência menor de COFINS, PIS e CPMF, que os produtos brasileiros).

O fantástico fracasso da política de abertura de Martinez de Hooz, que destruiu a indústria argentina por quase 20 anos, está sendo esquecido graças às benesses brasileiras concedidas no mal negociado Tratado de Assunção - o Brasil poderia ter imposto condições melhores, pois cede 75% do mercado a seus parceiros - com a recomposição daquele parque empresarial, e crescimento da economia daquele país em 1997, maior do que do Brasil.



À evidência, há diferenças entre a Argentina de Martinez de Hoz e o Brasil de Gustavo Franco, mas há algo que torna muito semelhantes os dois formuladores da política monetária, qual seja, a pouquíssima consideração para com a estrutura empresarial autoctone, que foi destruída pela política concebida por aquele condutor da economia argentina e vem sendo destruída pela política de juros elevados, os rastros que o modelo monetário brasileiro vem deixando nos últimos 3 anos.

Sinto-me à vontade para criticar o lado negro do Plano Real, gerador de desemprego no Brasil e de empregos fora, pois sou e continuarei sendo eleitor do Presidente Fernando Henrique, o melhor chefe de Estado de nossa história, depois de Dom Pedro II, e chefe de governo que muito acertou, mas que cometeu também erros consideráveis. E um deles é o sucateamento do parque empresarial da nação, que mal suporta carga tributária semelhante à dos Estados Unidos (33%) e recebe serviços dignos de Ruanda, sobre ter que pagar juros, no mercado interno, que nenhum dos empresários que exportam para o Brasil paga em seu país, além de muitos tributos cumulativos, que apenas prejudicam os fabricantes nacionais e beneficiam os estrangeiros.

Talvez, o ministro Dornelles seja aquele que mais sensibilidade tenha, em sua equipe, ao perceber que, enquanto todas as nações se auto-protegem e fazem políticas nacionais para incentivar a compra de produtos nacionais, nós esquecemos de nos defender, à luz de uma política de abertura de mercados, cujas portas foram escancaradas pelo então ministro Ciro Gomes, ao reduzir as tarifas aduaneiras, sem qualquer negociação e contrapartida, de 13.000 produtos brasileiros, em fins de 1994.

Estou convencido de que o empresário nacional é o menos responsável por ter perdido competitividade, visto que as facilidades provocadas pelo Plano Real para todos os produtos estrangeiros e as dificuldades impostas ao produtor nacional, fazem dele um verdadeiro herói, ainda capaz de sobreviver, com suas poucas forças, e gerar o emprego possível na conjuntura.

Enquanto o "déficit" nas contas externas e na balança comercial forem consideráveis e a indústria nacional continuar sendo sucateada, o mérito do Plano Real é relativo, correndo o risco da equipe econômica do Governo reproduzir o tremendo equívoco de Martinez de Hoz.

Se não houver um plano nacional dedicado exclusivamente à recuperação da indústria nacional, como se percebe na formulação de muitos países, o sucesso da estabilidade monetária estará em permanente risco, como a perda de divisas está a demonstrar. Se a política monetária não resistir aos embates externos e internos, encontrará um país sem forças para reagir, pois nele estará destruído o vigor empresarial, que levou a ser a 8ª economia do mundo, em nível de Produto Interno Bruto, apesar de todos os Governos.

Ives Gandra da Silva Martins - Professor Emérito da Universidade Mackenzie e Paulista, Presidente da Academia Internacional de Direito e Economia e do Conselho de Estudos Jurídicos da Federação do Comércio do Estado de S. Paulo.